

GOMES, Ana C. 2023. Carta 3. *Funcionalismo. Linguisticamente Falando.*

Querido professor Lauro Leal,

Estou escrevendo acerca de uma teoria linguística chamada Funcionalismo, a propósito, sou a Ana Clara Leite Gomes, atualmente, curso Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba. Fui sua aluna na matéria de Filosofia nos anos de 2019 e 2020. Esta carta é uma atividade para a nota da disciplina Fundamentos de Linguística, trata-se de escrever um escrito explicando uma corrente linguística para um professor que lhe marcou muito.

Para explicar-lhe, usarei o livro *Manual de Linguística*, organizado por Mário Martelotta, o livro *Linguística funcional: teoria e prática*, especificamente o capítulo *Pressupostos teóricos fundamentais*, também do Mario Martelotta, e alguns vídeos de um canal no youtube chamado *LeveLetras* sobre funcionalismo.

Sem mais delongas, iremos para a explicação.

O funcionalismo difere-se das correntes formalistas (estruturalismo e gerativismo), essa corrente preocupa-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e seus diferentes contextos comunicativos, creio que o funcionalismo veja a linguagem como um objeto de interação social, diferente do estruturalismo, que pensa menos no social e mais no individual.

Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa-que envolve os interlocutores, seus propósitos e os contexto discursivo- a motivação para os fatos da língua. (MARTELOTTA, 2011, p.157)

Resolvi colocar essa citação pois ela afirma a minha hipótese de interação social, e é importante destacar que eles se preocupam com o uso interativo da língua em diversas situações. Como exemplo, lembro que o professor Tiago Aguiar (o docente que ministra a disciplina que é o motivo dessa carta), usou uma situação de sua infância para exemplificar o assunto, que foi o seguinte:

“ — Em um belo dia, Tiago e seu irmão resolvem jogar bola dentro de casa, que ideia brilhante a deles, concorda? E então, Tiago quebra um vaso chinês de sua mãe e o irmão de nosso personagem principal conta a mãe deles. Para alguns, isso é apenas uma fofoca, mas para os funcionalistas é um prato cheio, pois quais foram as formas que o irmão do personagem usou para incriminá-lo? Ele pode ter usado a voz ativa (a) e a passiva (b):

(a) Tiago quebrou o vaso.

(b) O vaso foi quebrado por Tiago.”

Há uma análise sintática dentro dessas duas frases, são duas sentenças bastante parecidas, mas “olhando direitinho” sempre me parece que na voz ativa tudo é mais duro e na voz passiva é mais macio, e a essa escolha de vozes dá-se o nome de transitividade, lembrando, professor Lauro, que as escolhas dessas estruturas na hora de realizar o discurso vai levar em conta a necessidade do falante.

Um pouquinho confuso, mas é porque a remetente é meio enrolada em suas palavras. Tendo em vista esta confusão, usarei um dos textos para explicar as duas propostas básicas do funcionalismo:

- “a) A língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si;
 - b) As funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico.”
- (MARTELOTTA, 2011, p. 158).

Assim, a língua não constitui um conhecimento individual, ela depende do comportamento social e reflete uma adaptação do falante em diversas situações comunicativas. Eu gosto de pensar que a língua portuguesa e a sua estrutura gramatical atual foi construída através da experiência, como ela foi usada pelos falantes ao longo do tempo, isso com certeza mostra como a língua é viva e que a partir das diversas situações comunicativas, ela vai se moldando e virando um novo instrumento.

Há duas grandes correntes do funcionalismo: a corrente europeia e a corrente norte-americana. Gostaria de falar primeiro sobre a corrente europeia, especificamente sobre a Linguística Sistêmico-funcional (LSF) que foi desenvolvida por Michael Halliday em 1960. O objetivo da LSF é compreender e descrever a linguagem em seu funcionamento sistemático, não apenas como um conjunto de regras desvinculado de seu contexto sociocultural e da fala em si.

“[...] está centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções dos enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura.” (MARTELOTTA, 2011, p. 162). Esse sistema está atrelado a um contexto cultural de modo que os recursos gramaticais estejam ligados com os usos sociais da linguagem.

Professor Lauro, eu só dei uma pincelada no assunto, mas se o senhor quiser saber mais sobre, recomendo o vídeo funcionalismo britânico (LSF) do canal *Leveletras*, sim, eu estou viciada em vídeos de linguística no youtube.

Agora, vou falar do funcionalismo norte-americano: o polo norte-americano da linguística foi dominado por correntes formalistas que se enraizaram com Leonard Bloomfield, se o senhor tiver interesse em saber quem é esse sujeito, ele foi um linguista (quem diria?) que representa o estruturalismo norte-americano ou, como ele chama, linguística distribucional, mas essa é só uma contextualização para a próxima citação que usarei.

O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. (CUNHA et. al, 2015, p.17).

Sendo assim, a língua é usada para satisfazer as nossas necessidades, e a forma que a usamos, reflete a sua função. Esses novos estudiosos se depararam com o surgimento de novas estruturas morfossintáticas e perceberam que essas estruturas têm relação direta com os fatores comunicativos, ou seja, todas as formas que vamos usando durante a fala/discurso, que é onde acontece essa organização morfossintática, quando colocamos em prática os discursos também colocamos em prática a gramática. O senhor e os leitores ocultos dessa carta conseguiram entender isso? Eu espero que sim, não conseguiria explicar de outro jeito.

Ah, vale lembrar que o texto precursor para os estudos do funcionalismo norte-americano é o *The Origins of Syntax in Discourse*, publicado por Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976. Existem princípios e categorias centrais dessa corrente funcionalista, são eles: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo e gramaticalização. Vou tentar defini-los para o senhor:

→ Informatividade:

A informatividade manifesta-se em todos os níveis da codificação linguística e diz respeito ao que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação. (CUNHA et. al, 2015, p.35).

Tem a ver com o conhecimento da informação e qual o grau dela no discurso.

→ Iconicidade: “Em linguística, iconicidade é definida como correlação natural entre a forma e função, entre o código linguístico (expressão) e seu designatum (conteúdo).” (CUNHA et. al, 2015, p. 21). Essa categoria tem a ver com a correlação entre a forma e função, a forma seria a gramática e a função seria o que ela exerce dentro do discurso e ocorre de forma natural e motivada.

→ Marcação:

O princípio de marcação, herdado da linguística estrutural desenvolvida pela Escola de Praga, estabelece três critérios principais para a distinção entre categorias marcadas e não marcadas, em um contraste gramatical binário. (CUNHA et. al, 2015, p. 25).

Eu não quis colocar as três subcategorias da marcação presentes no texto, pois achei que ficaria deveras extenso. Mas, essa categoria tem a ver com a oposição de termos para a produção de um sentido e contraste nas categorias linguísticas, podendo ocorrer em nível fonológico, morfológico e sintático. A youtuber que eu assisti dá o exemplo da palavra “menino” e “meninos” e no caso a diferença é que existe o marcador de plural.

→ Transitividade: “A transitividade é concebida como uma noção contínua, escalar”. (CUNHA et. al, 2015, p. 29) . Focaliza os diferentes ângulos das posições da ação do agente e do paciente dentro de uma determinada frase.

→ Plano discursivo: Diz respeito às informações usadas pelos falantes, podem ser classificadas entre centrais e periféricas.

→ Gramaticalização: Diz respeito a uma mudança que ocorre na língua, principalmente nos níveis lexicais.

Nessa carta, tentei abordar alguns aspectos do funcionalismo, espero que o senhor tenha entendido pelo menos 2% do que eu quis trazer e eu recomendo a leitura dos textos que lhe indiquei acima, gosto muito dos textos do Martelotta, são fáceis de entender e bem elaboradas. Ah, também resolvi escrever para o senhor porque suas aulas de filosofia eram muito boas e mesmo em um calor de 58º graus debaixo da sombra, dava vontade de participar e o senhor também me lembra um hobbit. Espero que tenha gostado da carta.

Saudações,

P.S. 1: espero que o senhor tenha lido a série da anne com e;

P.S. 2: é muito diferente da série da Netflix.

Ana Clara Leite Gomes
Santa Rita, 23 de novembro de 2021.

Referências:

BATISTA, Amanda. Leve-Letras. **Funcionalismo norte-americano**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/V-bikptR3_g>. Acesso em: 11 nov 2021.

BATISTA, Amanda. Leve-Letras. **Funcionalismo Britânico**. Youtube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/6hL_koToCJc>. Acesso em: 10 nov 2021.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Funcionalismo**. IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. IN: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica et. al. (org.). Linguística funcional: teoria e prática. 1a ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.